

evolução dos solos. Tratando desta última parte o autor lembra que no velho tipo agrícola, era característica a colaboração entre a criação e o arado, permitindo a renovação da riqueza do solo, ao passo que, nos países novos, a monocultura vive completamente isolada da criação, e vice-versa. Como os solos não recuperam o que perderam, o resultado é o seu desaparecimento.

A consequência de todos esses fatos é a necessidade de medidas a serem adotadas pela agronomia para a defesa do solo; tais medidas poderão, quando muito remediar a situação, mas não salvá-la, sendo sua aplicabilidade um tanto relativa, pelo seu alto custo.

O Prof. SAUER conclue o seu estudo chamando atenção para o exagerado otimismo antropocêntrico e para os novos problemas que poderão aparecer para a solução de tais questões.

Encerrando a sua palestra, o Prof. PIERRE MONBEIG pôs em relêvo três pontos à margem dos estudos que acabava de resumir: 1.º) a destruição não é monopólio dos povos brancos tanto assim que os sudaneses, com suas queimadas, concorrem para o aumento do domínio saariano; 2.º) a técnica dos povos brancos, estabelecidos fora da Europa, não poderia ser a mesma, porque em nenhum lugar puderam encontrar um quadro geográfico como o existente no continente europeu; 3.º) o estudo do Prof. SAUER demonstra a evolução do pensamento norte-americano, pois não é cheio de otimismo como costumam ser os trabalhos vindos dos Estados Unidos.

A INDÚSTRIA MADEIREIRA NO ESTADO DE SÃO PAULO

O Sr. JEAN LECOQ, em 26 de Abril dêste ano, ocupou a tribuna da Associação dos Geógrafos Brasileiros, de São Paulo, para debater e estudar a evolução da indústria madeireira naquele Estado. Lembrou especialmente a situação do mercado a partir de 1920, focalizando as zonas produtoras e os prejuízos causados pela irregularidade do tráfego ferroviário. Referiu-se detalhadamente à peroba rosa, cujas maiores e melhores reservas se achavam na Alta Sorocabana. As necessidades sempre crescentes do consumo na capital e a insuficiência dos meios de transporte tiveram como resultado a exploração intensiva de velhas zonas madeireiras, sobretudo a região de Barretos. A situação tornou-se gravíssima em 1925, quando um estoque de 200.000 m³ de madeira ficou à espera de condução, na zona da Sorocabana. Três anos mais tarde, com a regularização do tráfego, cessaram quase por completo as ativi-

dades nas regiões reexploradas, voltando a predominância a caber à Alta Sorocabana. Em 1930, a crise econômica deu um duro golpe na indústria, havendo a dispersão de muitos madeireiros; mas a reação teve lugar após 1932. A partir de 1937, instituiu-se o sistema de quotas, com o objetivo de normalizar o tráfego.

Referiu-se, depois à nova zona — a do norte do Paraná, onde veem tendo lugar derrubadas maciças, com instalação de serrarias no local. A região possui a cabreúva, o cedro, a peroba rosa e o pinho, o que lhe dá uma importância toda especial. Mencionou também a crise ocasionada pelo excesso de vagões: a baixa do preço em virtude do afluxo de madeiras, antes do início da safra do algodão e do café. Acentuou que o problema é apenas de super-produção advogando a necessidade de se criar um organismo à semelhança do Instituto do Pinho, que possa vir a zelar pelos interesses dos que negociam com outras madeiras.

Terminou a sua interessante palestra referindo-se à atual situação do mercado explorador de madeira e exibindo aos presentes numerosas amostras dos diferentes tipos aqui encontrados.

ESTUDO GEOGRÁFICO DO LITORAL PAULISTA

Realizou-se a 4 de Agosto dêste ano, mais uma sessão da Associação dos Geógrafos Brasileiros, sediada em São Paulo, tendo o Professor PIERRE MONBEIG participado oficialmente a organização do núcleo daquela entidade na capital do Paraná, presidido pelo Sr. JOSÉ LOUREIRO FERNANDES, diretor do Museu Paranaense.

A seguir, o Prof. ODILON NOGUEIRA MATOS passou a fazer a crítica do livro do Sr. GERALDO ROCHA, intitulado *O Rio São Francisco*, que oferece bastante interesse para o geógrafo. Depois de acentuar o papel histórico do grande rio brasileiro, o autor focalizou alguns aspectos da nossa agricultura e o problema da irrigação na região do São Francisco, realizando um estudo comparativo entre aquele rio e os rios Nilo, Niger e Iang-Tsé. Termina por apresentar um plano de reconstrução e aproveitamento do vale daquele rio.

Discorreu, depois, o Prof. JOÃO DIAS DA SILVEIRA, da cadeira de Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, dando conta de observações colhidas em algumas viagens realizadas em pontos diversos do litoral de São Paulo. O conferencista chamou a atenção do auditório para a sucessão